

Migração forçada

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

Em apenas dois meses, o centro de ensino Gisno, na Asa Norte, ganhou 15 novas turmas de primeiro ano do ensino médio. Todas elas no período da tarde. Novos professores foram chamados e alguns, que davam aula no turno da manhã, aceitaram a troca. No Setor Oeste, na Asa Sul, não havia espaço para criar novas turmas: as 15 salas de aula já estavam ocupadas nos dois períodos. A solução foi aumentar a média de alunos por sala nas turmas de primeiro, segundo e terceiro anos. Em vez de 35 estudantes, até 39 por sala. Tudo para se adequar ao aumento de alunos do ensino médio.

A matrícula nas 620 escolas da rede pública de ensino esteve aberta até o início da noite de sexta-feira. O número de alunos no primeiro ano do antigo segundo grau subiu mais de 40%. Em 2008, foram 26.529 estudantes. Neste ano, 37.840 adolescentes estarão cursando a série inicial do ensino médio.

De acordo com Mara Gomes, que acompanhou todo o processo de telematrícula iniciado em outubro do ano passado, boa parte desses estudantes vieram da rede particular. “Da oitava série do ensino fundamental para o primeiro ano do ensino médio há um aumento significativo no valor das mensalidades. Com a crise, houve a migração de famílias de classe média para a rede pública.”

A secretária-adjunta de Educação, Eunice Oliveira, completa: “Nos dois dias finais de matrícula conversei com muita gente na fila. Falei com vários pais que estavam trocando os filhos de escola por causa das dificuldades em assumir um compromisso tão significativo no orçamento familiar”.

Com 15 anos, Gustavo Ribas Cruz vai estudar pela primeira vez em uma escola pública. Ele recomeça o primeiro ano do ensino médio no Gisno na próxima segunda-feira, depois de ter sido reprovado. A mãe decidiu tirar o filho do colégio no Lago Sul, onde ela trabalha. “Mesmo tendo desconto na mensalidade, o ensino é uma coisa cara e eu dou valor ao dinheiro. Ainda mais em tempos de crise. Nossa rotina é difícil demais para aceitar que meu filho não leve a educação a sério”, observa.

“Até o ano passado, eram sete turmas matutinas de primeiro ano do ensino médio. Este ano, serão seis turmas pela manhã e outras 15 no período da tarde”, comenta a supervisora pedagógica do Gisno, Glacione Maria de Lima. “Foi uma pequena ginástica, mas teremos turma e professor para todos.”

Os números oficiais só devem ser totalizados no fim desta semana, mas, de acordo a diretora de Planejamento e Inspeção de Ensino, Solange Paiva, foi em Taguatinga que houve a maior migração. “A gente sabe pelas fichas preenchidas na hora da solicitação de matrícula”, antecipa. De acordo com o secretário de Educação, José Luiz Valente, o aumento de 40% não pode ser contado todo como sendo migração de alunos. “Com o programa Aceleração, houve um grande número de alunos com distorção idade e série que passou para o ensino médio. Mas só teremos esses dados depois”. Ele garante que a rede está preparada para a demanda, tanto em número de salas de aula como em professores.

No Setor Oeste, a procura maior foi pelas turmas de segundo e terceiro anos do ensino médio. De acordo com o diretor do colégio da Asa Sul, Júlio Gregório Filho, as turmas de primeiro ano foram todas usadas para absorver os estudantes do próprio sistema de ensino e não houve vaga para novos alunos da rede. “Nas outras séries, foi grande o número de novos alunos”, afirma.

Olho na faculdade

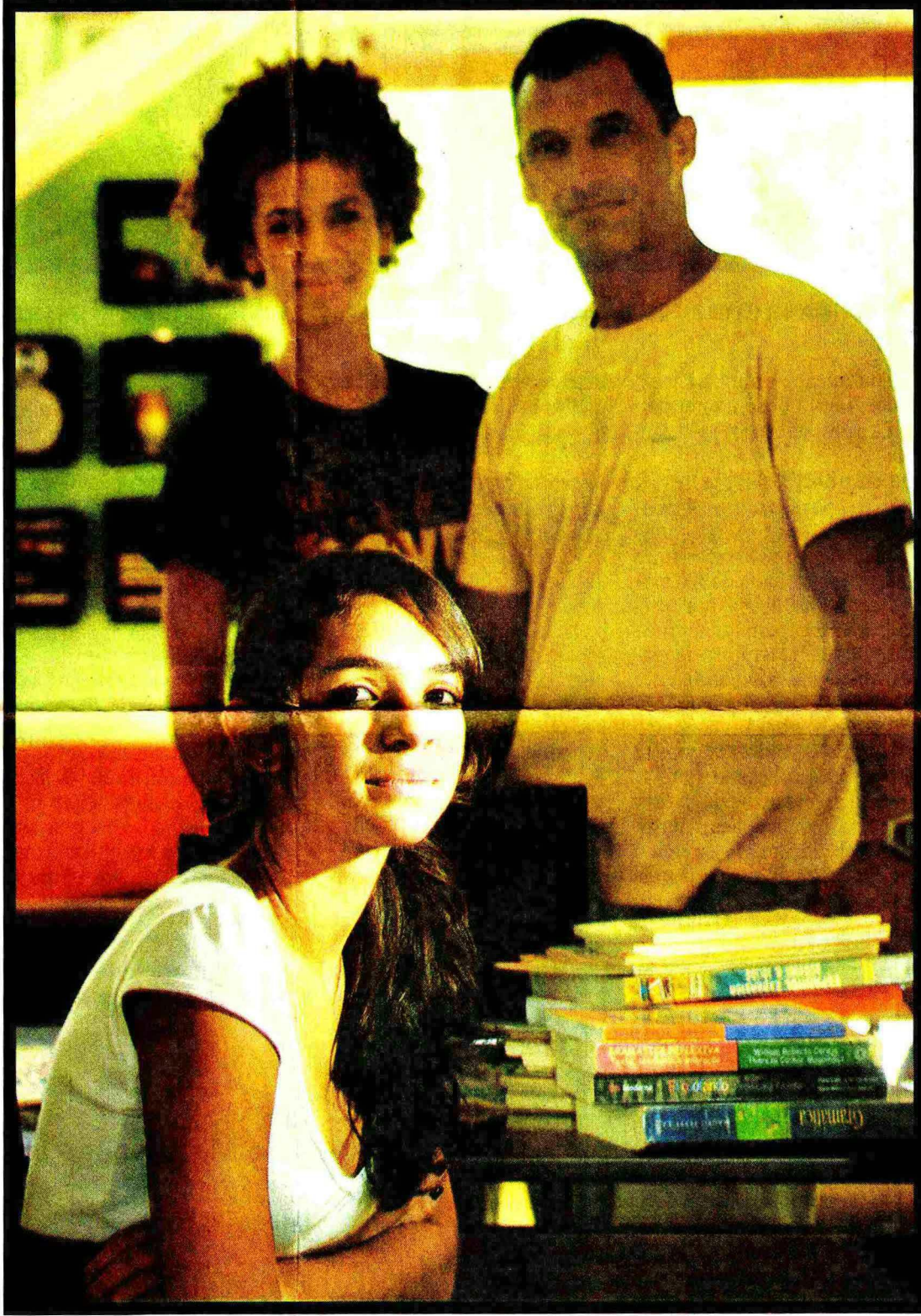
Jasmim Faria Caetano, de 16 anos, é uma das novas alunas. Depois de cinco anos estudando na mesma escola particular da Asa Norte, a família decidiu que era hora de economizar. Jasmim vai para o terceiro ano. “Houve um acordo familiar para que ela pudesse fazer o curso de hotelaria, que só existe em uma faculdade particular”, afirma o pai Luiz Antônio Aquino Caetano. Com as incertezas da economia, os pais ficaram temerosos de não conseguir pagar as mensalidades no ano que vem.

Por isso, os R\$ 650 por mês economizados com a ida de Jasmim para o Setor Oeste vão para uma poupança.

Além disso, a família vai poupar R\$ 1.050 da filha mais velha, Luíza, 17 anos, que acaba de entrar na Universidade de Brasília depois de sair do terceiro ano em uma escola privada. “A melhor herança que a gente pode deixar para os filhos da gente é a boa formação. Mesmo com apertos, trabalhamos para que nossos filhos tenham uma educação de qualidade.”

O Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do DF ainda não fez as contas de quanto as escolas privadas perderam com a migração. “Não fizemos um estudo, mas acho cedo para a crise chegar. Brasília é uma cidade de funcionários públicos que não sentem a crise de imediato”, observa Alberto Araújo. De acordo com ele, as mensalidades das particulares ficaram entre 7% e 15% mais caras que as praticadas até dezembro.

Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



JASMIM, DEPOIS DE CINCO ANOS EM ESCOLA PARTICULAR DA ASA NORTE, VAI PARA A REDE PÚBLICA: ACORDO FAMILIAR